

Ações entre atores: análise sobre formas de interação *online* em uma página oficial de uma instituição de ensino

Maria Clara Bezerra de Araújo - UFRN¹

Resumo

O trabalho aqui proposto objetiva discutir o conceito de interação a partir de uma rede social digital, a *fan page* do *Campus* Pau dos Ferros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). O trabalho faz um recorte intencional, selecionando para serem analisadas as postagens sobre o Congresso de Iniciação Científica do IFRN, que acontece todos os anos e em 2014 foi sediado no *Campus* citado. Como forma de divulgação do evento e de contato com os participantes, foram feitas diversas ações na página, com uma campanha *online* envolvendo a participação direta dos alunos. Considerando que o Congresso envolve toda a Instituição, que possui 19 unidades de ensino e uma administrativa, o artigo visa a observar como se processam as interações entre seus atores no espaço digital oficial (a *fan page* do *campus*). As considerações são feitas, principalmente, a partir das ideias de Primo (2011), sobre a interação mediada por computador, Recuero (2009), sobre sites de redes sociais, Latour (2012), sobre o social, e Castells (1999), sobre a sociedade em rede. As observações levaram à constatação de que as interações são, em sua maioria, do tipo reativas (PRIMO, 2011), ou seja, aquelas que respondem a certas motivações, sem maiores desdobramentos como discussões mais aprofundadas e outros. O questionamento que fica, portanto, é sobre o que seria necessário para a efetivação de um espaço mais interativo, uma vez que essa seria a intenção principal de uma rede social.

Palavras-chave:

Sites de redes sociais. Fan page. Interação. Ciberespaço. IFRN.

Abstact

The work proposed here aims to discuss the concept of interaction from a digital social network, the fan page of Campus de Pau dos Ferros Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN). The work is an intentional clipping, selecting for analysis posts on the Scientific Initiation Congress of IFRN, which happens every year and in 2014 was held on the campus quoted. As a way to

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em de Estudos da Mídia da UFRN. E-mail: clarabez@gmail.com.

promote the event and contact with participants, several actions have been made to the page with an online campaign involving the direct participation of students. Whereas the Congress involves the entire institution, which has 19 units of teaching and one administrative, the article aims to observe how we process the interactions between the actors in the official digital space (the fan page of the campus). Considerations are made primarily from the ideas of Primo (2011), on computer-mediated interaction, Recuero (2009), on social networking sites, Latour (2012) on social, and Castells (1999), about the network society. The observations led to the conclusion that the interactions are, in most cases, the reactive type (PRIMO, 2011), ie, those that respond to certain reasons, no further consequences as more in-depth discussions and others. The question that therefore remains is about what would be necessary for the realization of a more interactive space, since this is the main intention of a social network.

Keywords:

Social networking web sites. Fan page. Interaction. Cyberspace. IFRN.

1 INTRODUÇÃO

Conexão: cada vez mais, essa palavra ocupa um lugar privilegiado nas nossas vivências e, também, nas discussões sobre elas. Desse modo, por meio de máquinas – computadores e dispositivos móveis, por exemplo –, crescem hoje o que vem sendo chamado redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outros ambientes onde nos conectamos e, em certos momentos, interagimos com outras pessoas.

De acordo com Recuero (2009, p. 32), “em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores”. Sendo assim, nas redes sociais, poderíamos estabelecer conexões (laços) e interações com os colegas da faculdade, de trabalho, do curso de línguas, os amigos do tempo de escola, os parentes próximos e distantes e outros grupos sociais.

Dessa forma, pessoas se associam a outras e a objetos (celular, *tablet*, computador) formando redes que interferem direta ou indiretamente nas suas formas de vida e, por que não, nas da sociedade? Marcar ou desmarcar uma reunião, por exemplo, tornou-se

algo mais rápido com as ferramentas de email e de mensagens instantâneas através de aplicativos.

Por outro lado, a múltipla conectividade (interação?) permitida por meio de vários aparelhos e um número ilimitado de pessoas e lugares pode gerar dispersão e, muitas vezes, ser apenas aparente. Quantas dessas conexões são apenas formais, não relacionando efetivamente os atores envolvidos? Quantas se tornam reais interações? E o que seria uma interação?

Apesar desses questionamentos, com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), parece ser certa uma facilidade cada vez maior de se conectar e interagir com outras pessoas. Uma das formas de isso acontecer, como já dito, é através das redes sociais. Mas o que tais redes possuiriam realmente de social? E, novamente, qual a importância das interações para a constituição delas?

Este trabalho se propõe a discutir os questionamentos a partir de uma rede social de uma instituição de ensino, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). De forma mais específica, a *fan page* do *Campus* Pau dos Ferros do Instituto e as interações observadas na página nas postagens sobre o congresso de Iniciação Científica do IFRN (Congic), sediado no *Campus* no período de sete a nove de agosto de 2014.

Em sua primeira parte, o trabalho apresenta os Institutos Federais, o *Campus* Pau dos Ferros do IFRN e o Congic. Em seguida, traz as discussões teóricas, a partir do conceito e dos tipos de interação mútua e reativa (PRIMO, 2011) e das ideias de rede de acordo com Recuero e Castells (1999), com também de social para Latour (2012). Por último, questiona sobre a concretização ou não da rede no ambiente analisado, ilustrando com alguns exemplos de postagens da página citada e as interações visíveis de forma pública.

2 INSTITUTOS FEDERAIS, PESQUISA E REDES SOCIAIS

Em 23 de setembro de 1909, o então presidente da República Federativa do Brasil Nilo Peçanha assinou o Decreto Nº 7.566, criando 19 Escolas de Aprendizes Artífices em todo país . Entre elas, uma foi inaugurada em Natal, capital do Rio Grande do Norte.²

As Escolas de Aprendizes Artífices foram o marco de instituições voltadas especialmente para o ensino profissionalizante que cresceriam e sofreriam diversas mudanças no decorrer do tempo, começando pelas nomenclaturas. Passando, por exemplo, por Escola Industrial, Escola Técnica e Centro Federal de Educação Tecnológica, hoje são nomeadas Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Este último nome, dado pela Lei 11.892/2008, de 29 de dezembro de 2008, estabeleceu-se poucos meses antes de as Instituições completarem seu primeiro centenário, o que foi comemorado no Brasil inteiro.

Além disso, a mudança para Instituto Federal acompanhou também o programa de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, que teve início em 2005 e expandiu consideravelmente o número de escolas técnicas federais no Brasil. No ano citado, o IFRN possuía 2 unidades no Rio Grande do Norte: a unidade sede, em Natal, e a de Mossoró. Em 2014, já são 19, chamadas hoje de *campi*, com a previsão da implantação de mais duas unidades até o início de 2015.

O *Campus* Pau dos Ferros do IFRN, localizado na cidade de mesmo nome, no Alto Oeste Potiguar, foi inaugurado em 2009 e integra a II Fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação, iniciada em 2007. O *Campus* atende cerca de mil e duzentos alunos regulares e em torno de três mil em cursos de qualificação e requalificação³.

As modificações, no entanto, aconteceram não apenas nos nomes e no número de unidades, mas em todo o perfil institucional e administrativo das instituições. Assim, os Institutos, além de passarem a contar com unidades descentralizadas classificadas como *campi* e uma unidade administrativa sistêmica classificada como Reitoria, tiveram

² Disponível em <<http://portal.ifrn.edu.br/institucional/historico>>.

³ Disponível em <<http://portal.ifrn.edu.br/campus/paudosferros/institucional/historico.html>>.

autorização para atuar em vários níveis de ensino – do médio ao superior, sendo estes últimos cursos de tecnologia e de licenciatura assim como também pós-graduações *lato* e *stricto sensu* –, como também uma atuação mais incisiva nas áreas de pesquisa e extensão.

Um dos resultados da atuação mais direta na pesquisa é a ampliação de eventos como o Congresso de Iniciação Científica do IFRN (Congic)⁴, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa do Instituto. O Congic é realizado anualmente e o objetivo é divulgar os trabalhos de alunos e servidores, envolvendo todo o Instituto em três dias de atividades acadêmicas e culturais. Em 2014, o Congresso, em sua décima edição, foi sediado no *Campus Pau dos Ferros*, contando com cerca de mil e duzentos inscritos, apresentação de 297 banners, 72 trabalhos orais e 27 projetos na competição Mostra Tecnológica, que acontece paralela ao evento e é aberta também à participação da comunidade externa.

Por outro lado, com todas essas mudanças, muitos desafios foram criados em relação aos Institutos. Entre eles, o de integrar uma instituição centenária que, nos seus últimos dez anos, passou por um crescimento considerável, aumentando número de unidades físicas, servidores e de alunos; como também o de fazer a sociedade compreender a nova institucionalização e o de agregar públicos de interesse aos seus cursos e às ações que desenvolve.

Tais desafios se voltaram aos setores de Comunicação Social dos Institutos Federais. Em geral organizados em Assessorias ou Coordenações de Comunicação, eles se depararam não apenas com as mudanças nos Institutos, mas também nos processo comunicacionais a partir do fenômeno da internet e da Web 2.0, que O'Reilly (2010) considera como “um conjunto de tendências econômica, social e tecnológica que coletivamente formam as bases para a próxima geração da internet – mais madura, um meio distintivo caracterizado pela participação do usuário, abertura, e efeito de rede”.

Esse fenômeno fez com que as marcas procurassem se inserir diretamente nos ambientes virtuais em que seus públicos de interesse estão, aproveitando a oportunidade da comunicação em rede a fim de incrementar seus sistemas de divulgação. Como

⁴ Disponível em < <http://www2.ifrn.edu.br/congic/>>.

explicou Castells (1999, p. 39), “a comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais”.

Essas comunidades podem ser vistas na rede social *Facebook*, que, além de permitir uma interação direta com os usuários, permite ainda a construção das *fan pages*, as páginas direcionadas à divulgação de conteúdo específico de empresas, instituições, causas etc. Uma dessas *fan pages* é a “IFRN Pau dos Ferros”⁵, que, como será visto, atuou na divulgação das ações do Congic 2014, realizado no *Campus*. Mas, antes disso, levantaremos algumas discussões teóricas sobre os conceitos de interações e de redes sociais.

3 SOBRE REDES, INTERAÇÕES E O SOCIAL

Falar sobre redes sociais de comunicação nos faz adentrar em um mundo repleto de discussões sobre prováveis novas formas de sociabilidade. Essas discussões e conceituações quase sempre se referem ao desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que estariam modificando as práticas de comunicação através de um sistema digital de conexões.

Dessa forma, torna-se questionável se, a partir das conexões, prováveis novas práticas de comunicação poderiam ser vistas, por exemplo, nas redes sociais digitais, ou Sites de Redes Sociais (SRS), como se refere Recuero (2009). Segundo a autora, eles seriam os espaços onde se expressariam as redes sociais (relações e interrelações entre personagens sociais) na *internet*.

Sites de Redes Sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator (RECUERO, 2009, p. 102).

Podemos, portanto, referir-nos a *web blogs*, *fotoblogs*, além de sistemas como o *Twitter* e o *Facebook* como SRSs. Uma vez que Recuero (2009) os define como locais onde se desenvolvem as redes sociais, é importante nos questionarmos sobre o que seria uma rede, o que a comporia. E mais: se o social é a característica que a define, o que seria o social e qual a importância da comunicação para que ele exista?

⁵ Disponível em < <https://www.facebook.com/ifrnpaudosferros>>.

Para Latour (2012, p. 100), social seria o nome de um tipo de associação momentânea. A característica principal seria o modo como se aglutina assumindo novas formas. Ou seja, se é momentâneo, é caracterizado pela transformação, algo que está se formando a cada instante. De acordo com o escritor e sua Teoria Ator-Rede, o termo social “não designa um domínio da realidade ou um item especial; é antes o nome de um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro” (LATOURE, 2012, p. 99).

A denominação ator-rede viria da ideia de que o social é formado a partir da ação dos vários atores que o constituem e que, na verdade, estariam agindo como consequência da ação de outros atores, daí as conexões entre eles e as redes que formam. “O ‘ator’, na expressão hifenizada ‘ator-rede’, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (LATOURE, 2012, p. 75).

No momento em que agem, os atores conectam-se com diversos outros elementos, humanos e não humanos (pessoas e aparelhos, por exemplo), formando cada um deles suas próprias redes. Uma rede, portanto, seria formada de muitas outras e apenas rastreando as ações dos atores seria possível chegar a encontrar o social.

Além disso, de acordo com Primo (2011), as ações entre atores poderiam ser chamadas interações. O autor considera formas de interação os intercâmbios mantidos entre dois ou mais interagentes, sejam eles vivos ou não. A importância dos atores não-humanos, ao falarmos de ambientes virtuais de interação, vem principalmente do que é desempenhado pelas novas tecnologias da informação. Castells destaca que elas estão “integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais” (CASTELLS, 1999, p. 39).

Pensando desse modo, se a comunicação mediada pelo computador gera algo é porque ela é um actante – como também Latour (2012) designa os atores – e, assim, precisa ser rastreada a fim de se descobrir suas conexões.

A Actor-Network Theory, de Latour (2012), definição em inglês da teoria ator-rede, é referida também como ANT, sigla do conceito em inglês que faz alusão à palavra

“formiga”, tradução de ant para o Português. A palavra serviria assim como uma metáfora à teoria desenvolvida. Isso porque, para Latour (2012, p. 28), o acrônimo é “perfeitamente adequado para um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário”, como são as formigas.

O termo ANT, portanto, serviria de identificação para pesquisadores que procuram estudar o social a partir da perspectiva da instabilidade, da busca pelos caminhos formados nas ações dos atores – o que se têm de seguir para chegar ao social. O fato de as ações causarem mudanças explicaria o caráter instável do social. Sendo assim, como o social não está formado, mas se forma a cada momento, não há mapa pré-formulado a se estabelecer ou buscar, mas traços de caminhos definidos e redefinidos a cada instante.

Se pensarmos por essa perspectiva, as redes sociais também seriam objetos instáveis, formados por várias redes internas. Como estudá-las, então? A partir das ações dos seus atores, ou atores-redes, de seus comportamentos e do que estaria sendo formado através de suas interações, como descreve Santaella (2007):

A navegação abstrata em paisagens de informações e de conhecimentos, a criação de grupos de trabalho virtuais em escala mundial, as inúmeras formas de interação possíveis entre os cibercibernetas e seus mundos virtuais criam enorme quantidade de comportamentos inovadores cujas consequências sociais e culturais ainda não puderam ser suficientemente estudadas (SANTAELLA, 2007, p 127).

A autora destaca as consequências sociais e culturais dos comportamentos dos cibercibernetas. E é isso o que Latour (2012) defende: o social como consequência das ações dos atores e não como causa. Por esse motivo, seria necessário o estudo das associações e não do social em si. “Siga as conexões, siga os próprios atores” (LATOUR, 2012, p. 59).

Voltemos então às definições de redes sociais segundo Recuero (2009). De acordo com a pesquisadora, elas se dividiriam em dois grupos principais: as de filiação e as emergentes. Partindo das explicações da autora (2009), a rede social de filiação seria definida pelo próprio sistema onde ela se desenvolve, sendo mais estável e exigindo menos esforços dos atores sociais. Por exemplo, ao criarmos uma conta em um SRS como o Facebook, estaríamos agindo em uma rede de filiação.

Por outro lado, também de acordo com Recuero (2009), as redes sociais emergentes são estabelecidas quando há interações entre os atores sociais presentes na ferramenta analisada. Por exigir ações efetivas dos agentes, ou seja, que eles empreendam esforços para a existência da rede, são mais difíceis de serem mantidas.

No entanto, uma mesma rede social pode apresentar características de filiação e emergentes ao mesmo tempo, não sendo elas categorias estáticas e exclusivistas. Na SRS Facebook, por exemplo, os usuários, ao criarem suas contas perfis, garantem a filiação através do sistema, mesmo que, a partir disso, não gerem mais interações. Ainda assim, farão parte da rede. Todavia, ao agirem efetivamente, interagindo com outros usuários, estarão fazendo parte de uma rede social emergente. A segunda seria mais difícil de ser mantida, pois depende da permanência de interações no ciberespaço (RECUERO, 2009, p 101).

Nesse sentido, é importante lembrar a definição de Primo (2003, p. 56) sobre interação como “ação entre” e de comunicação como “ação compartilhada”. Aos participantes das interações, ele chama não atores, mas interagentes; e divide as interações entre mútuas e reativas.

A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (PRIMO, 2011, p. 57).

Por outro lado, podemos citar também as ideias de Latour (2012) quanto a mediadores e intermediários. Segundo ele, faz grande diferença se os meios de produzir o social são considerados o primeiro ou o segundo:

Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Para todos os propósitos práticos, um intermediário pode ser considerado não apenas como uma caixa-preta, mas uma caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de partes. Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam (LATOUR, 2012, p. 65).

Poderíamos dizer, então, que as redes de filiação definidas por Recuero (2009) e as interações reativas expostas por Primo (2003) poderiam ser relacionadas aos intermediários, enquanto as redes emergentes (RECUERO, 2009) e as interações mútuas (PRIMO, 2003), aos mediadores, que fazem os grupos emergirem e se transformarem.

Sendo assim, para se estudar a dinâmica das redes sociais, seria interessante estudar as emergentes, que, segundo Recuero (2009, p. 95), “são constantemente construídas e reconstruídas através das trocas sociais”. Além disso, como pontuou Latour (2012, p. 54), “as formações de grupos deixam muito mais traços em sua esteira do que as conexões já estabelecidas, as quais, por definição, devem permanecer mudas e invisíveis” (LATOURE, 2012, p. 54). Dessa forma, segundo o autor, se a conexão é visível, está se fazendo e vai gerar dados novos.

Os traços visíveis e rastreáveis nas redes sociais podem ser identificados, por exemplo, a partir das ações que Santaella (2007, p. 180) sinalizou como palavras de ordem do ciberespaço, que seriam disponibilizar, expor-se, trocar e colaborar. Sendo assim, o acompanhamento desses tipos de ações, das ações dos atores, como sugere Latour (2012), poderiam nos ajudar a entender os sentidos das associações formadas nas redes digitais. Por que elas existem, quais os objetivos e no que diferem de outros tipos de associações em rede, se é que diferem? Uma das formas de investigar isso é através das interações e dos processos de comunicação estabelecidos.

4 SOBRE O CONGIC E O IFRN PAU DOS FERROS: INTERAÇÕES?

Como já abordado na introdução deste artigo, o *Campus* Pau dos Ferros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte encontra-se representado na rede social *Facebook* através da página IFRN Pau dos Ferros, que agregava, até o dia 10 de novembro de 2014, cerca de cinco mil curtidores.

A página divulga conteúdo institucional relacionado a alunos, servidores, cursos, processos seletivos e projetos tanto do *Campus* quanto do Instituto como um todo, caso do Congresso de Iniciação Científica do IFRN, voltado para toda a Instituição. Na

descrição, informa: “Bem-vindo à fan page oficial do IFRN Pau dos Ferros. Ambiente virtual para interação entre alunos, servidores e comunidade”⁶.

Apesar da legitimidade que a página dá à participação e interação do seu público, não é exatamente isso o que se vê na maioria das postagens. Em geral, a participação se restringe à ação de curtir a mensagem, sem gerar discussões ou complementação de informações por parte dos curtidores da *fan page*. É o que pode ser observado nas postagens abaixo, que ilustram a divulgação do Congic feita na página IFRN Pau dos Ferros durante o evento que, como já dito, aconteceu de sete a nove de agosto de 2014.



Figura 1 - divulgação do Congic na página IFRN Pau dos Ferros (https://www.facebook.com/ifrnpaudosferros)



Figura 2 - divulgação das apresentações orais do Congic 2014

⁶ Disponível em < https://www.facebook.com/ifrnpaudosferros/info >.

É possível observar, nessas imagens, a ausência de uma interação mútua (PRIMO, 2011), podendo as poucas ações de curtir, por exemplo, ser encaradas como espécies de interações reativas (PRIMO, 2011), ou seja, aquelas que respondem a um estímulo, mas não acrescentam nem expandem o objeto que a gerou. Dessa forma, a ferramenta *fan page*, que deveria ser um recurso interativo, de participação dos seus atores, acaba se restringindo a um aspecto de divulgação institucional, sem alcançar seu objetivo de engajar o público e fazê-lo participar de forma mais ativa do conteúdo da página.

Tal funcionamento não contribui para o aprimoramento da rede emergente (RECUERO, 2009), que depende das ações dos seus participantes para crescer. Desse modo, os atores envolvidos estariam agindo mais como intermediários, transportando significados sem transformá-los (LATOURET, 2012). Nesse sentido, “definir o que entra já define o que sai” (LATOURET, 2012, p. 65) e, assim, os conteúdos divulgados não são aprimorados, debatidos, o que seria importante se consideramos que a página em questão é de uma instituição de ensino e o seu uso poderia ser revertido para a promoção e o debate de conhecimento.

Por outro lado, observamos nas postagens da página no período citado uma maior participação quando os atores participantes da rede são peças centrais da divulgação, como nos exemplos abaixo.



Figura 3 divulgação das apresentações orais do Congic 2014 **Figura 1: divulgação do Congic**
 (<https://www.facebook.com/ifrnpaudosferros>)



Figura 4 - divulgação da Mostra Tecnológica do Congic
 (<https://www.facebook.com/ifrnpaudosferros>)



**Figura 5 - comentários na imagem de divulgação da Mostra Tecnológica do Congic
(<https://www.facebook.com/ifrnpaudosferros>)**

Ainda que, nas imagens acima, possamos ver a presença de comentários dos interagentes, ou atores sociais, esses comentários não acrescentam pontos de expansão do debate ou do conteúdo, demonstrando uma interação fraca, se assim podemos chamá-la, pois não se desenvolve nem apresenta negociações de sentidos. Conseqüentemente, a pergunta que nos fica é: mesmo a *fan page* observada se anunciando como um espaço para que seus atores interajam, o que falta para o desenvolvimento de uma interação mais efetiva?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já comentado no trabalho, as redes sociais hoje se delineiam como importantes espaços de comunicação. No entanto, considerando a conceituação de Primo (2011, p. 56) “interação é ‘ação entre’ e comunicação é ‘ação compartilhada’”, percebemos que, na *fan page* observada neste artigo e nas postagens apresentadas, a interação ainda é incipiente.

Nas situações colocadas em destaque, vimos uma centralidade nas divulgações institucionais que não conseguiram alcançar uma participação efetiva dos curtidores da página. Dessa forma, concluímos que as interações necessárias aos processos de construção de redes realmente sociais não se desenvolvem de forma plena no caso exposto.

Assim, o que chamamos muitas vezes de redes sociais, como páginas no *Facebook*, pode não se concretizar efetivamente como social. Reforçando o que diz Recuero

(2009), os sites de redes sociais não são, por si, redes sociais. “São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes” (RECUERO, 2009, p. 103).

Tal afirmação nos faz voltar também ao questionamento: o que seria necessário para uma interação mais efetiva nos casos analisados? Tal pergunta nos aponta, portanto, à necessidade do aprofundamento dessa interrogação com outros estudos, que busquem colaborar com o estabelecimento de espaços contributivos em relação aos processos tanto de comunicação quanto de educação.

6 REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: Volume 1. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

IFRN. **De Escola de Artífices a Instituto Federal**. Disponível em: <<http://portal.ifrn.edu.br/institucional/historico>>. Acesso em: 4 out. 2013.

IFRN Pau Ferros. Disponível em <www.facebook.com/ifrnpaudosferros>. Acesso em 10 de nov. de 2014.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru: Edusc, 2012.

O'REILLY, T. **Web 2.0 Principles and Best Practices An O'Reilly Radar Report**, 2006. Disponível em <<http://radar.oreilly.com/research/web2-report.html>>. Acesso em 18 set. 2013.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 3ª Edição, Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.